



KnoWhy #690

Setembro 29, 2023



Como a fidelidade e a graça estão relacionadas à mão direita?

“Tiago, Cefas e João, que eram considerados como colunas, reconhecendo a graça que se me havia dado, deram-me a destra da comunhão, e a Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles, aos da circuncisão”.

Gálatas 2:9

O conhecimento

Ao relatar aos novos membros da Igreja na Galácia os eventos recentes de uma conferência geral de liderança da Igreja realizada em Jerusalém, Paulo menciona que “Tiago, Cefas e João, que eram considerados como colunas”, segundo ele — um antigo perseguidor da Igreja — que havia realmente recebido a graça do Senhor. Por causa disso, eles deram a Paulo e Barnabé “a destra da comunhão”, como preparação para sua missão de pregar aos gentios (Gálatas 2:9). Além de relacionar esse conceito à graça, Paulo prossegue discutindo sobre como ele agora vivia “a fé do Filho de Deus”,

relacionando estreitamente seu recebimento da graça a sua fidelidade recíproca.

O símbolo usado por Paulo da “destra da comunhão” teria sido familiar a um público antigo, no contexto da relação entre graça e fé. Seria especialmente verdadeiro para o público greco-romano de Paulo, que tinha fé em alta estima (*pistis* em grego e *fides* em latim) e até adorava uma deusa com o mesmo nome.

É interessante notar que Brent J. Schmidt observou recentemente que as deusas *Pistis* e *Fides* estavam ambas relacionadas ao uso de rituais de aperto de mão

direita na cultura e religião greco-romana. Segundo a lenda romana, a Fides estabeleceu Roma através da “reconciliação, paz e unidade” usando “medidas equilibradas, juramentos e instituições” em contraste com o violento Rômulo. Fides e Pistis tornaram-se tão honradas que eram vistas por alguns como iguais a Zeus em poder e autoridade. Essas comunidades helênicas sob convênio utilizavam um aperto de mão direito para representar as mesmas medidas por meio das quais a Fides estabeleceu Roma, considerando essa ação ritual como uma ação apropriada ou “símbolo” para “unidade, reconciliação e divinização”.

Esse ritual de aperto de mão, relacionado à Fides, foi considerado “um elo de devoção que ligava o humano e o divino”. Como visto em muitas esculturas clássicas preservadas, o aperto de mão também era empregado em cerimônias de casamento, na esperança de que marido e mulher se reunissem na vida após a morte. Ele também era usado nos templos para fazer convênios, cada um com um juramento e uma maldição para aqueles que quebrassem suas promessas aos deuses.

Menções semelhantes a um aperto com a mão direita são encontradas em toda a Bíblia, no Velho e no Novo Testamento. Em todos os Salmos, por exemplo, o rei e o salmista descrevem o fato de tomar o Senhor pela mão direita em Seu templo. Isso é feito quando o poder e a autoridade são concedidos ao peticionário do templo, ou o peticionário é elevado à presença do Senhor. Esses símbolos foram estudados por muitos santos dos últimos dias, incluindo Hugh Nibley, Stephen D. Ricks, David Rolph Seely e David Calabro, demonstrando como o aperto da mão direita era um aspecto autêntico e original da adoração no templo israelita.

Esse ritual de apertar as mãos continuou no início do cristianismo, que se baseava fortemente no templo israelita e em seu Grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Por exemplo, o apóstolo Pedro usou um aperto de mão ao curar um coxo nos portões do templo: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno” (Atos 3:6-7). João usou a mão direita de Jesus em todo o Apocalipse como um símbolo do relacionamento fiel das pessoas com Ele, e os primeiros escritos e tradições cristãs associavam esse aperto de mão a Jesus conduzindo as almas justas dentre os mortos.

A arte cristã primitiva também retratava os santos justos subindo ao céu tomando o Senhor pela mão direita, tendo estendido Sua mão através de um véu celestial. A tradição cristã também retratava casamentos usando esse mesmo aperto de mão: por exemplo, um mosaico do século V retrata “o casamento de Moisés e Zípora”, no qual Jetro, o sumo sacerdote, une os dois enquanto “a noiva e o noivo unem as mãos direitas”.

As bênçãos recebidas neste ritual do aperto de mão direita são concedidas pela graça de Deus a todos os que são fiéis a seus convênios. Ao relacionar estreitamente “as mãos direitas da comunhão” com os conceitos de fé (pistis) e graça (charis), o público de Paulo teria sido capaz de entender melhor o significado desse evento ritual de investitura de autoridade, bem como de outras ordenanças corretas do Evangelho que haviam sido espelhadas de perto em suas tradições religiosas anteriores.

O porquê

Ao receberem qualquer presente de uma pessoa superior, todas as pessoas que viviam no mundo do Novo Testamento naturalmente se sentiam ligadas e obrigadas àquele que concedeu o favor. Elas retribuía esse favor sendo fiéis e leais a essa pessoa. Assim, a palavra grega pistis (fé) estava profundamente relacionada às ideias de fidelidade, unidade e reconciliação. E uma vez que o aperto da mão direita foi usado com expressões de Pistis nas tradições religiosas greco-romanas e judaicas, essa palavra prontamente transmitiu um conjunto totalmente novo de significados dentro da igreja cristã primitiva e ainda hoje: membros totalmente fiéis e leais receberiam poder e autoridade para se tornarem como Deus, entrarem em Sua presença e desfrutarem das bênçãos de uma família eterna por meio de ordenanças do templo, incluindo esse ritual de aperto de mão.

O aperto de mão poderia ser usado entre duas partes para estabelecer um relacionamento mutuamente benéfico, semelhante a como um aperto de mão firme ainda hoje expressa unidade e apoio mútuo entre todos os que trabalham juntos em Sião. Isso pode ser visto na menção da mão direita de Paulo. Enquanto Paulo e Barnabé receberam o poder e a autoridade para espalhar o Evangelho aos gentios, Pedro, Tiago

e João levaram sua missão para áreas próximas de Jerusalém e Israel. Cada missão beneficiaria uma à outra e a toda a Igreja, como um todo.

O público de Paulo, já familiarizado com a maneira pela qual um aperto de mão poderia unir as pessoas entre si e com o divino, teria encontrado nas ordenanças cristãs um padrão verdadeiro que eles só conheciam, por assim dizer, “por [um] espelho, bem enigma” (1 Coríntios 13:12). Tendo sido apresentados ao Evangelho de Jesus Cristo, batizados e feito convênios com o Senhor, eles e nós experimentamos as verdadeiras bênçãos de tomar a mão direita da irmandade na graça de Jesus Cristo e por meio dela.

O Senhor declarou por meio de Joseph Smith que “em suas ordenanças [do Reino de Deus] manifesta-se o poder da divindade” (Doutrina e Convênios 84:20). Ao servirmos ao Senhor e fazermos convênios com Ele, podemos ser abençoados com esse conhecimento de que estaremos seguros em Seu amor e que um dia entraremos em Sua presença mais uma vez, para nunca mais sair.

Leitura complementar

Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* (Provo, UT: BYU Studies, 2022), pp. 87–118.

Hugh Nibley, *The Message of the Joseph Smith Papyri: An Egyptian Endowment* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2005), pp. 427–457.

Hugh Nibley, “Apocryphal Writings and the Teachings of the Dead Sea Scrolls”, em *Temple and Cosmos: Beyond this Ignorant Present* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1992), pp. 264–335.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. Para mais informações sobre o Concílio de Jerusalém, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que o Concílio de Jerusalém foi importante? (Atos 15:5-6)”, KnoWhy 680 (24 de julho de 2023).

2. Para saber mais sobre os usos que Paulo faz da graça e da fé, consulte os seguintes artigos da Central do Livro de Mórmon, “O que a graça significava para Paulo? (Romanos 3:23–24)”, KnoWhy 683 (15 de agosto de 2023) e, “Como Paulo entendia a fé? (Romanos 9:30)”, KnoWhy 684 (25 de agosto de 2023).
3. Tal como acontece com outros deuses da religião romana, Fides era o equivalente romano da deusa grega Pistis. Ver Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* (Provo, UT: BYU Studies, 2022), p. 89. Como tal, a discussão de qualquer uma dessas deusas pode ser entendida como se referindo ao mesmo ser mítico.
4. Schmidt, *Relational Faith*, pp. 89–90.
5. Schmidt, *Relational Faith*, p. 90.
6. Schmidt, *Relational Faith*, p. 92.
7. Schmidt, *Relational Faith*, p. 93.
8. Ver Schmidt, *Relational Faith*, p. 93.
9. Ver Schmidt, *Relational Faith*, pp. 93–95.
10. Para uma discussão sobre o uso desse símbolo no Velho Testamento, especialmente conforme encontrado nos Salmos, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que o salmista fala sobre “segurar na mão de Deus”? (Salmo 73:23–24)”, KnoWhy 642 (19 de agosto de 2022).
11. Ver, por exemplo, Hugh Nibley, “Apocryphal Writings and the Teachings of the Dead Sea Scrolls”, in *Temple and Cosmos: Beyond this Ignorant Present* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City: Deseret Book, 1992), pp. 278, 296, 300–301, 304–305, 308–311, 315–317; David Rolph Seely, “The Image of the Hand of God in the Book of Mormon and the Old Testament”, in *Rediscovering the Book of Mormon: Insights That You May Have Missed Before* (Provo, UT: FARMS, 1991), pp. 148–150; Stephen D. Ricks, “Dexiosis and Dextrarum Iunctio: The Sacred Handclasp in the Classical and Early Christian World”, *FARMS Review* 18, no. 1 (2006): pp. 431–436; Matthew B. Brown, “The Handclasp, the Temple, and the King”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 42 (2021): pp. 421–426; David M. Calabro, “The Divine Handclasp in the Hebrew Bible and in Near Eastern Iconography”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 45 (2021): pp. 37–52.
12. Ver Apocalipse 1:16; 5:1, 7; e 10:2.
13. Ver Schmidt, *Relational Faith*, pp. 106–107.
14. Ver Schmidt, *Relational Faith*, p. pp. 107–113 para uma discussão mais aprofundada de muitas representações desse aperto de mão ritual.
15. Schmidt, *Relational Faith*, p. 111.
16. Para outros usos da mão direita nos convênios atuais, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que tomar o sacramento com a mão direita? (1 Coríntios 11:26)”, KnoWhy 686 (1 de setembro de 2023).